

# CONCEPÇÃO DE LEITURA DE BIBLIOTECÁRIOS<sup>1</sup>

SONIA MARIA MARQUES OLIVEIRA<sup>2</sup>  
ANA MARIA ROCHA JULIANO<sup>3</sup>

OLIVEIRA S.M.M. de, JULIANO, A.M.R. Concepção de leitura de bibliotecários. *Semina: Ci. Soc./Hum.*, Londrina, v. 14, n. 3, p. 185-189, set. 1993.

**RESUMO:** *Pesquisa exploratória realizada com o objetivo de conhecer, informalmente, o que é leitura para o bibliotecário e como ele obteve essa conceituação. A amostra constitui-se de 9 (nove) bibliotecários do município de Campinas. Com base no enfoque reducionista e interacionista, prevalece entre estes profissionais a concepção reducionista. Conclui-se que há necessidade de uma maior atenção na formação do bibliotecário, em relação ao problema detectado.*

**PALAVRAS-CHAVE:** *Leitura - concepção; Bibliotecário - leitura*

## INTRODUÇÃO

Os estudos sobre leitura no Brasil têm se detido em enumerar e comparar as condições deficitárias para o desenvolvimento da mesma. A constância de tais temas na literatura tem demonstrado a crescente preocupação com a formação do leitor e uma reflexão sobre as possibilidades de mudança da situação existente. No entanto, há muito por fazer em termos práticos, com a criação de condições que levem a formação do leitor efetivo.

É consenso que a formação do leitor se inicia com o processo de alfabetização, que a aquisição do alfabeto possibilita novos horizontes culturais, que a leitura oferece condições para a formação do homem crítico e questionador da sociedade e que a escola não tem atingido seus objetivos de formação integral do homem.

Diante de inúmeros problemas, não se pode ignorar as variáveis sócio-culturais e a organização social, principalmente na sociedade brasileira, onde não há uma tradição de leitura.

Seria necessário o desenvolvimento de um número bem maior de pesquisas sobre o assunto do que possuímos atualmente (SANTOS, 1989), para que fosse possível fazer afirmações e diagnósticos mais precisos e comprovados cientificamente.

Partindo de toda problemática que envolve o ensino da leitura, é de se esperar que no Brasil tenhamos um número insuficiente de leitores considerados "maduros", tendo em vista o número de habitantes do país. Consideramos "maduro" o leitor crítico, que segundo SILVA (1991) vivencia três fases do processo de leitura: a constatação, o cotejo e a transformação. Na fase da **constatação** nada mais

ocorre do que a sua compreensão. No **cotejo** o leitor desvela o significado pretendido pelo autor, reagindo, questionando, problematizando e apreciando com criticidade. Na fase de **transformação** há uma "ação sobre o conteúdo do conhecimento". O esperado e/ou desejado de um profissional de nível superior, principalmente nas Ciências Humanas e Sociais, é que os mesmos ao término de seus cursos, tenham atingido o nível de transformação e **alcançado a maturidade em leitura**.

No entanto, algumas pesquisas sobre leitura com universitários têm mostrado que não se formam leitores críticos (BRANDÃO, 1984; SANTOS, 1989). Assim, sugerem programas de remediação de leitura. Um estudo exploratório levado a efeito por mestrados da PUCCAMP, sobre PERCEPÇÕES (1991) e práticas de leituras de alunos universitários de Campinas mostra que o processo de leitura é valorizado pelos universitários apenas em função de sua vinculação com o desempenho escolar.

Mediante tais constatações é que se entende as reclamações que vêm, ao longo do tempo, permeando todos os níveis de ensino. O processo tem início com os professores de 1o. grau responsabilizando a família por não iniciar o "hábito de leitura" nas crianças. Prossegue com o 2o. grau acusando seu antecessor e atribuindo à Universidade a última chance de alterar esse quadro caótico da formação do leitor "consciente".

Entende-se, por consequência, a afirmação que fazem SILVA et al. (1983, p. 31), quando dizem que "o estudante chega à Universidade despreparado para a prática de leitura, compatível com o nível esperado... mesmo reconhecendo sua importância a evita por insegurança, considera-se imaturo".

1 - Trabalho orientado pelo Prof. Dr. Ezequiel Theodoro da Silva.

2 - Docente do Departamento de Biblioteconomia do Centro de Educação, Comunicação e Artes da Universidade Estadual de Londrina. Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Biblioteconomia da PUCCAMP.

3 - Docente do Departamento de Biblioteconomia da Universidade do Estado de Santa Catarina. Mestranda do Curso de Pós-Graduação em Biblioteconomia da PUCCAMP.

## 1 - CONCEPÇÕES DE LEITURA

Concepção significa o ato de conceber ou formar idéias (FERREIRA, 1986). Nestes termos, ROBINSON et al. (1981) consideram que o êxito em aprender a ler pode estar influenciado pelos conceitos sobre a natureza, dificuldades e propósitos de leitura.

Concordamos com BRUNER (apud ROBINSON et al., 1981) quando afirma que a aquisição de um conceito depende do que o indivíduo considera como objetivo de seu comportamento e o que pensa que deve ser leitura.

DOWNING (apud ROBINSON et al., 1981) considera que as noções e concepções sobre os propósitos e natureza da leitura são resultados de problemas mais significativos e fundamentais do ensino da leitura.

Embora os estudos de ROBINSON et al. (1981) tenham sido realizado com crianças entre 6 e 11 anos, acreditamos que as concepções formadas neste período são o alicerce para a formação do leitor ideal.

Para efeito deste estudo e levando em consideração as anotações de aula, resumimos as concepções de leitura a dois enfoques: **reducionista** e a **interacionista**.

As características gerais de uma e de outra são apresentadas no Quadro 1. As mesmas servirão de ponto de apoio para a análise das definições dadas por bibliotecários.

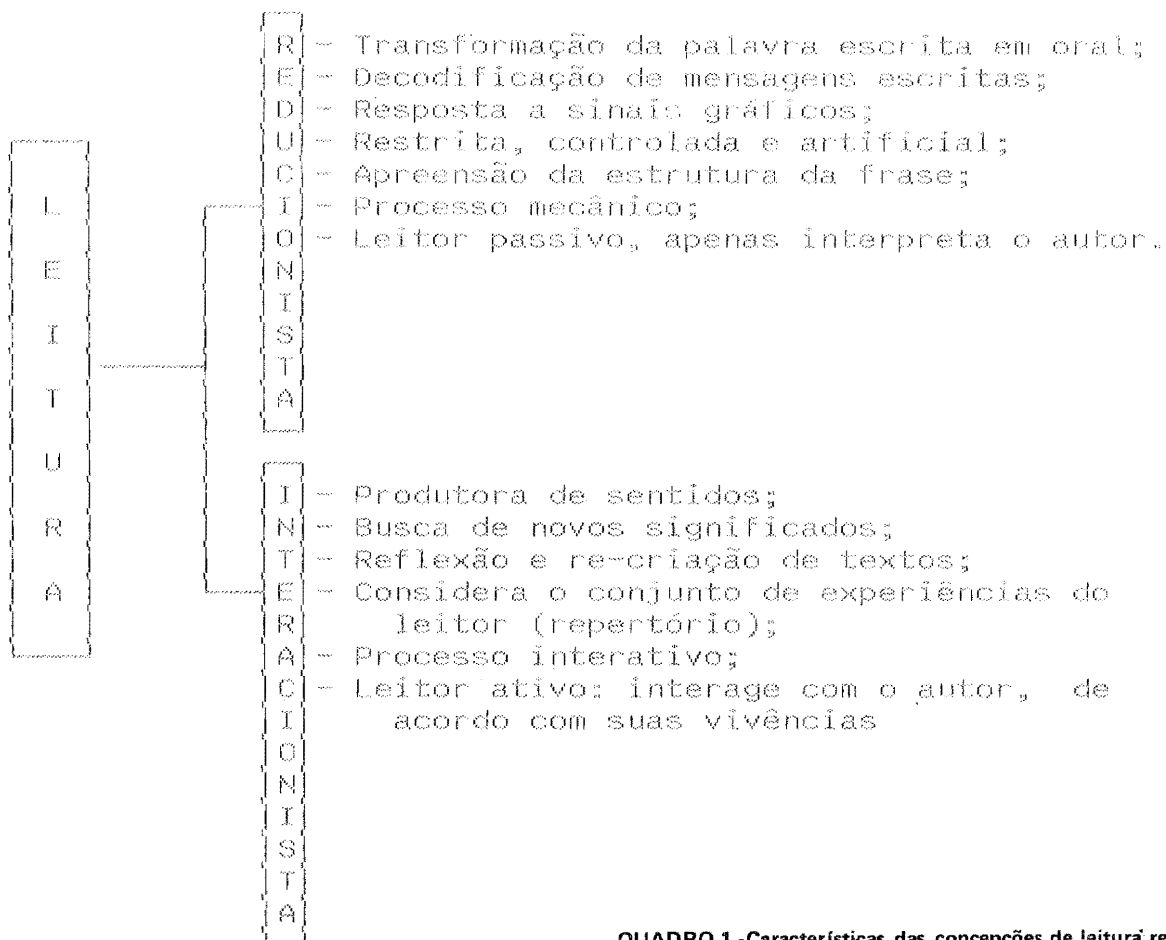
Entre aqueles estudantes em que se deposita esperança e crédito poderíamos imaginar o bibliotecário, visto que existe uma hipótese declarada (mas cientificamente não comprovada) de que o gosto pela leitura influi na escolha da profissão.

A sociedade qualifica esse profissional como um apaixonado pelos livros, assíduo leitor e de convívio diário com a leitura. Mas estudos como os de KREMER (1991), BRANDÃO (1984) e SANTOS (1989) não confirmam essas premissas, ficando apenas como verdadeiro o **convívio com a leitura** em suas mais diversificadas formas. Deveria ser do cotidiano bibliotecário o manuseio da leitura (em seus variados suportes), quer na sua organização, sua recuperação ou disseminação. Sua formação pressupõe, então, intimidade com a leitura, habilidades no manuseio de textos, interação com o usuário no sentido de orientar essa leitura.

Mas, como o bibliotecário vê esse processo? Como está internalizada a leitura para ele?

Estas indagações surgiram como uma curiosidade, no desenvolvimento da disciplina "Processos de Leitura" do Curso de Mestrado da PUCAMP, ministrado pelo Prof. Ezequiel T. da Silva, em 1992, através de leituras realizadas, questionamentos e indagações entre alunos e professor sobre os valores a ela atribuídos por profissionais cujo cotidiano está intimamente ligado ao ato de ler.

### Características



QUADRO 1 - Características das concepções de leitura reducionista e interacionista

A concepção reducionista, originária das teorias mecanicistas, funcionalistas e estruturalista, vê o leitor como um mero elemento passivo do processo de aprendizagem, cujas funções não vão além de repassador/receptor do conhecimento.

Do ponto de vista social, esta concepção está "ideologicamente adequada aos detentores do poder econômico e político..., pois tem servido de instrumento para anestesiar a consciência dos indivíduos, tornando-os leitores e indivíduos passivos, acríticos..." (BRAGGIO, 1992, p. 3).

Nesta linha de pensamento, leitor é qualquer pessoa conhecedora do alfabeto, com capacidade de juntar/organizar as "letras", formando sons inteligíveis.

Isto é o que vem acontecendo na maioria das escolas.

De acordo com pesquisa realizada por ROBINSON et al. (1981), a leitura muito freqüentemente tem um conceito nebuloso, pois as verbalizações mais concretas a vêem como uma tarefa relacionada com a atividade de aula.

Segundo SILVA (1991), as concepções reducionistas dão conta da leitura enquanto processo, fator, operação, produto ou input de uma atividade peculiarmente humana.

Apreensão da estrutura da frase e leitura como fonte de aquisição de conhecimento e informação demonstram uma nova percepção de leitura. No entanto, esta nova visão ainda é restrita, na medida em que desconsidera as transformações e as influências recíprocas promovidas pela leitura.

A concepção reducionista ignora que o indivíduo/leitor, em seu desenvolvimento psico-social, acumula conhecimentos e informações que formarão seu repertório, influenciado pela cultura e sociedade em que vive.

BRAGGIO (1986) resume com muita clareza a perspectiva da leitura comportamentalista: "o autor de cartilha ou livro tem supremacia sobre o leitor" e "não há nenhuma contribuição do leitor no ato de ler".

Para benefício da leitura, na década de 50, vários pesquisadores e teóricos passam a rejeitar esta perspectiva e convergem a atenção para a psicologia cognitiva. Esta reconhece que o indivíduo não é um recipiente passivo de estímulos do ambiente, mas um processador ativo e seletivo da informação. Com base nestas premissas, surge a teoria psicolinguística do processo, com a leitura envolvendo uma interação. "O foco de leitor é construir uma interpretação significativa do texto, em vez de se concentrar em letras individuais e palavras" (ALTEWEGER apud BRAGGIO, 1986, p. 22).

Nesta concepção, trazemos para o ato de ler nosso conhecimento anterior da língua e mais experiências de vida, capacitando-nos a contar muito mais com a informação não-visual do que com a escrita.

A partir da teoria psicolinguística é que a leitura passa a ser interpretada como um processo interativo ou transacional entre leitor e texto. Como diz GOODMAN (apud BRAGGIO, 1986, p. 24), "o significado está na mente do leitor e na mente do escritor".

Estas premissas são a base da abordagem interacionista, que, ampliando a teoria psicolinguística de leitura, inclui o aspecto social na atual abordagem sociopsicolinguística.

Segundo BRAGGIO (1992), o caminho entre a psicolinguística e a sociopsicolinguística é menos longo, pois his-

toricamente são os mesmos autores que, revendo suas posições, redimensionam a sua compreensão do processo de leitura e escrita, numa visão transacional.

Na visão anterior "... leitor e texto se tocam, mas então ambos seguem caminhos separados" (HARSTE apud BRAGGIO, 1992, p. 69). Na visão sociopsicolinguística, leitor e texto não apenas interagem, mas se transformam, levando ao surgimento de um novo evento.

Nesta atual concepção de leitura "a estratégia para ler e escrever difere de acordo com o ambiente cultural e linguístico" (HARSTE, BURKE, WOODWARD apud BRAGGIO, 1986, p. 25).

Na concepção interacionista, salienta-se a compreensão com um processo; prevalece a interação/transação do leitor/autor, respostas corretas são substituídas por respostas significativas e prima-se pelo entendimento e contextualização da informação. Desta forma, o processo de alfabetização passa a ser ativo, construtivo, comunicativo e a-temporal, considerando a multiplicidade de situações sociais da leitura.

## 2 — O QUE É LEITURA PARA BIBLIOTECÁRIOS

Com o objetivo de conhecer, informalmente, o que é leitura para o bibliotecário e como ele obteve essa conceitualização, formulamos duas questões abertas: 1) O que é leitura para você?, 2) Como você chegou a essa definição?

As questões foram distribuídas entre bibliotecários de bibliotecas escolares (4), bibliotecas universitárias (3) e bibliotecas públicas (2), perfazendo um total de 9 (nove) respondentes, todos localizados no Município de Campinas.

Este estudo pode ser considerado apenas como uma investigação exploratória e os seus resultados não devem ser generalizados.

Desta forma, apresentamos e analisamos as definições obtidas, com base nas tendências reducionistas e/ou interacionistas.

Quando buscamos saber os conceitos de leitura de bibliotecários, partimos da idéia de VYGOTZKY (apud BRAGGIO, 1992, p. 86) quando considera que significado é um fenômeno do pensamento e da fala e que o significado da palavra é inegavelmente um ato do pensamento.

Neste sentido, a conceitualização de leitura destes sujeitos será considerada de acordo com suas palavras.

### 2.1 -- Definições

(A) "Leitura é uma das **habilidades...** através dela **adquirimos** novas **idéias** e obtemos **informações...** Contribui para o **prazer**, amplia **conhecimentos...** estimula a **imaginação...**"

(B) "Leitura é uma maneira de **adquirir conhecimento**. Pode ser... **técnica**, **informativa** ou de **lazer**, mas em todas... podemos **aprender**".

(C) "... receber uma **mensagem**".

(D) "Leitura é uma forma de **acesso aos bens culturais**, **aquisição de conhecimentos**".

(E) "É **conhecer** e **penetrar** em novas situações, vivenciá-las, formando **conceitos** ou **opinião** que ora vão de acordo com o autor ora totalmente divergentes, **induzindo-me** a situações a fim de chegar a uma conclusão que me satisfaça".

(F) "Para mim leitura é um **prazer**, uma fonte de **lazer** e **cultura**".

(G) "É uma das **habilidades** mais importantes e necessárias da vida, porque se vive num mundo de **palavras impressas...**".

(H) "Leitura é um **processo dinâmico de contato com o mundo** através da **palavra escrita, visão das coisas e percepção** de tudo o que nos rodeia".

(I) "**Conhecimento, prazer, lazer e luz**".

A utilização do termo habilidades (def. A, G) nos indica que estes conceitos estão fundamentados na psicologia cognitiva, em que leitura é um processo através do qual adquirimos conhecimentos, utilizando a diversidade e a abundância da escrita no mundo. Estas definições marcam o papel passivo do leitor, como elemento processador de informação.

Outra característica marcante destas conceituações é o desempenho funcionalista da leitura, expresso na maioria delas (def. B, C, D, F, I). Qualificamos como funcionalistas porque todas se limitam a expressar sua utilidade.

O emprego de termos como **lazer** e **prazer** expressam o uso e fruto que o leitor faz do ato de ler, mas não vão além do ato de usufruir das idéias do autor (def. B, F, I), apoiada na necessidade pessoal e não social do leitor.

A definição C representa uma internalização de conceito puramente comunicacional, onde leitor é o mero receptor da mensagem, ignorando seu papel de transformador deste processo.

As definições G e H podem ser qualificadas de reducionistas, quando consideram que a leitura se restringe a palavras impressas e escritas. Na visão interacionista, a leitura ultrapassa este limite, pois o contato do homem com o mundo vai além da 'palavra escrita. Neste aspecto, MARTINS (1991), discorrendo sobre linguagem verbal e visual, diz que a primeira "projeta imagens em nossa tela interior". Por outro lado, através da linguagem visual também ocorre o processo inverso, em que "os olhos da imaginação" vêem o que a palavra ainda não expressou.

Segundo BRAGGIO (1992, p. 84), a aquisição da linguagem é um "processo de internalização do discurso exterior em discurso interior, o qual é obtido através de múltiplas transformações que o "expandem" no curso das interações significativas...".

É de seu contexto sócio-histórico-cultural que o homem, humanizado pela linguagem, toma consciência de si e da sua realidade, transformando-a e transformando-se como sujeito e agente do processo.

Diante destas considerações, a definição E é a que mais se aproxima da concepção interacionista, quando ex-

pressa uma relação interior com a leitura, demonstrando a possibilidade de permuta interpessoal. Desta forma, se atribui sentido ao texto lido. No entanto, ela contém resquícios reducionistas, quando deixa de considerar que seus "conceitos", em confronto com os do autor, podem fazer surgir uma nova visão dos fatos.

Algumas definições apresentadas pelos bibliotecários questionados, foram apresentadas com clichês e frases feitas, tais como:

"Leitura é uma amizade".

"Leitura é puro prazer".

"Aventura maravilhosa".

"... as vezes nos leva a mares nunca dantes navegados".

Estes clichês pouco conceituam leitura, demonstrando que a mesma não lhes produzem um sentido e/ou significado.

### 3 -- CONCLUSÃO

Como se evidencia, as concepções de leitura de bibliotecários podem ser consideradas reducionistas.

Após a análise das definições aqui expostas, surge o questionamento sobre as razões de tal situação e o que se pode fazer para modificá-la.

Primeiramente, devemos considerar que os bibliotecários de hoje foram alfabetizados por métodos reducionistas, onde o ensino da leitura visava um único objetivo: servir de instrumento para a aprendizagem escrita.

Em segundo lugar, na Universidade, como última oportunidade para modificar tais conceitos, persiste o mesmo processo de ensino. O professor e o livro didático são os instrumentos prevaletentes. O professor é o detentor do saber.

Tais fatos podem ser confirmados através dos próprios sujeitos desta enquete, quando afirmam que chegaram a estes conceitos através de experiências e vivências pessoais ou através da escola.

Devemos ponderar que a escola não pode se limitar a adotar uma nova concepção de leitura, sem antes transformá-la em projeto pedagógico.

Ao professor, em todos os níveis de ensino, cabe a responsabilidade de aprofundar-se nas questões de leitura. Como afirma BARBOSA (1991, p. 138), "somente o professor pode intuir o que convém fazer num determinado momento para ajudar o aluno a aprender a ler".

Sugerimos que sejam cada vez mais constantes programas de remediação de leitura, principalmente no ensino superior, onde o aluno tem a última chance para se transformar em leitor crítico.

Em particular, com o bibliotecário, percebe-se um vácuo em sua formação acadêmica, no que se refere ao ensino e aprendizagem de estratégia de leitura.

Considerando a situação atual do ensino da Biblioteconomia e mesmo da leitura no Brasil, WITTER (1989) sugere que os cursos de graduação e pós-graduação repensem suas competências, e com base nas propostas da IRA (International Reading Association) viabilizem algum encaminhamento em termos de opções por habilitações. Como forma

de contribuição concreta, a autora apresenta disciplinas e níveis de competência esperados de um bibliotecário especialista em leitura.

Segundo CHARTIERS (s.d., p. 9), o "bibliotecário deve ter a formação técnica que lhe permita orientar, com eficiência, seus clientes na escolha de livros", precisam "aceitar-se como **professores de leitura**".

Bibliotecários, preocupados em engajar-se numa concepção atual de leitura, devem conscientizar-se de que a

mesma não se destina só a formar e transformar as pessoas; mas que a leitura é extremamente útil na vida cotidiana e o instrumento emancipador, por excelência, da vida moderna de um país desenvolvido.

Como sugere CHARTIERS (s.d., p. 12), o bibliotecário "para constituir sua especificidade e justificar sua necessidade social, é preciso balizar seu território de intervenção e explicar progressivamente o corpus de competência e de saberes necessários ao seu exercício".

OLIVEIRA, S.M.M. de; JULIANO, A.M.R. Concept of reading for Librarians. *Semina: Ci. Soc./Hum.*, Londrina, v. 14, n. 3, p. 185-189, Sept. 1993.

**ABSTRACT:** *An exploratory research was carried out by the authors in order to know what reading means for the Librarians and how they obtained their concept of reading. Nine Librarians from Campinas-SP. were chosen as subjects for this research. It was based on a reduction and interaction focus, being the first one the most emphasized by these professionals. The authors concluded that more attention concerning this reading problem is necessary in the back ground formation of a Librarian.*

**KEY-WORDS:** *Reading - conception; Librarian - reading*

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, José Juvêncio. *Alfabetização e leitura*. São Paulo: Cortez, 1991, 159p.

BRAGGIO, Sílvia Lúcia B. A abordagem sociopsicolinguística da alfabetização. *Leitura: teoria e prática*, Campinas, v. 5, n. 8, p. 18-28, jun. 1986.

———. *Leitura e alfabetização: da concepção mecanicista à sociopsicolinguística*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992. 102p.

BRANDÃO, Lídia Maria Batista. *Hábito de leitura dos estudantes de Biblioteconomia*. Campinas, 1984. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Biblioteconomia - PUCAMP.

CHARTIERS, Anne Marie. *Novas definições do ato de ler*. S.n.t. 31fs. (mimeog.)

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

KREMER, Jeannette M. Leituras dos alunos do Curso de Graduação em Biblioteconomia da UFMG. *R. Esc. Bibliotecon. UFMG*, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 67-69, jun./jun. 1991.

MARTINS, Maria Helena. *Questões de linguagem*. São Paulo: Contexto, 1991. p. 95-105: Palavra e imagem: um diálogo, uma provocação.

PERCEPÇÕES e práticas de leitura de alunos universitários de Campinas: um estudo exploratório. Campinas: PUCAMP, 1991. (Trabalho apresentado por mestrados à disciplina Processo de Leitura. Mestrado em Biblioteconomia. PUCAMP)

ROBINSON, H. Alan, COSTELLO, Genevieve; LAZARUS, Alan. Conceptos de lectura en lectores principiantes: um estudio internacional. *Lectura y vida*, Buenos Aires, v. 2, n. 4, dic. 1981.

SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos. *Leitura entre universitários: diagnóstico e remediação*. São Paulo, 1989. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. *O ato de ler: fundamentos psicológicos para nova pedagogia da leitura*. 5. ed. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1991.

SILVA, Itala M.W. da et al. Prática de leitura: problemas e perspectivas. *Cadernos de Biblioteconomia*, Recife, n. 6, p. 28-34, jan. 1983.

WITTER, Geraldina Porto. A leitura e o bibliotecário: considerações sobre especialização. *R. Esc. Bibliotecon. UFMG*, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, p. 24-38, mar. 1989.

Recebido para publicação em 20/05/1993